



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

OZANIRA LUIZ MENDES

TICS E EDUCAÇÃO: a emergência de novas práticas e perfis

SOUSA – PB

2014

OZANIRA LUIZ MENDES

TICS E EDUCAÇÃO: a emergência de novas práticas e perfis

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em Educação.

Orientadora: Ada Kesea Guedes Bezerra

Área de pesquisa: Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

SOUSA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M538t Mendes, Ozanira Luiz
Tics e educação [manuscrito] : a emergência de novas práticas e perfis / Ozanira Luiz Mendes. - 2014.
40 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação".

1. Tecnologia na Educação. 2. Inclusão Digital. 3. Formação Continuada. I. Título.

21. ed. CDD 371.33

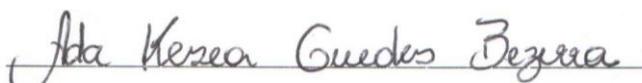
OZANIRA LUIZ MENDES

TICS E EDUCAÇÃO: a emergência de novas práticas e perfis

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em Educação.

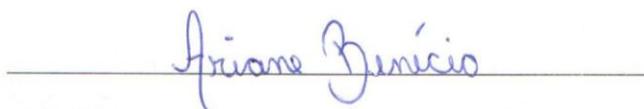
Aprovado em: 17/05 /2014

BANCA EXAMINDORA



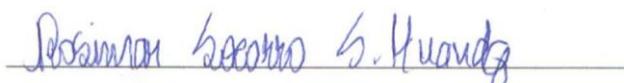
Profª Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

Orientadora - UEPB



Profª Msc Ariane Kércia Benício de Sá Barreto

Examinadora - UFPB



Profª Mestranda Rosimar Socorro Silva Miranda

Examinadora – UEPB

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos e marido, sinônimos de amor em minha vida, que me deram força e coragem para superar os obstáculos encontrados nessa caminhada, mas com certeza repleta de crescimento profissional. Dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e pelo amor que com que nos tem preenchido nossas histórias.

Aos meus pais (*in memoriam*) que tudo fizeram dentro de suas limitações para que pudéssemos ter uma formação acadêmica e frequentar a escola desde cedo, mesmo em meio a tantas dificuldades.

À professora Ada Kesea Guedes Bezerra que com muita paciência e carinho nos conduziu à reta final e ao sucesso desse trabalho.

Aos meus amigos que com muita alegria e união nos possibilitaram momentos de descontração e de apoio mútuo, ajudando com isso na superação das dificuldades.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre o papel da escola de hoje como espaço de inclusão digital com enfoque no trabalho com as tecnologias educacionais como possibilidade para desenvolver habilidades específicas dos alunos. Como embasamento tomou-se algumas concepções teóricas sobre as TICs e o seu espaço na área educacional, configurando-se como recurso fundamental na formação do aluno da sociedade contemporânea. Autores como Prensky (2001); Sousa (2011); Morin (2007); Pinho (2010, 2013); Teruya; Felipe & Takara (2013); dentre outros, constituem as principais referências. Partiu-se da premissa de que a nova conjuntura é perpassada por um ambiente escolar cada vez mais dinâmico, em contraponto àquela forma tradicional, rígida e mecânica de se ensinar. Atualmente, os educandos estão completamente familiarizados com as novas tecnologias e o professor deve se perceber como figura fundamental nesse processo de inclusão digital, mostrando os desafios e as possibilidades de trabalhar no espaço escolar com as TICs, com responsabilidade. Desse modo, acredita-se também que é extremamente necessária a formação continuada do professor que precisa sobremaneira fazer um redimensionamento da sua prática pedagógica. Para tanto, através de um trabalho de pesquisa, análise e produção de diversas teorias sobre o tema foi possível a concretização desse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: TICs. Educação. Nativos Digitais. Formação Continuada.

ABSTRACT

The present work aims to make some reflections on the role of schools today as an area of digital inclusion with a focus on working with educational technologies as a possibility to develop specific skills of the students. As foundation became some theoretical conceptions about ICTs and their scope in education, configured as a fundamental resource in the student's education in contemporary society. Authors such as Prensky (2001); Sousa (2011); Morin (2007); Pinho (2010 , 2013); Teruya; Felipe & Takara (2013); among others, are the main references. We started from the premise that the new environment is pervaded by an increasingly dynamic school environment, in contrast to that traditional, rigid and mechanical way of teaching. Currently, the students are completely familiar with the new technologies and the teacher should realize how crucial figure in this process of digital inclusion, showing the challenges and opportunities of working at school with ICT, responsibly. Thus, it is also believed that the continued training of the teacher who greatly need to make a redefinition of their practice is sorely needed. To do so, through a research, analysis and production of various theories on the subject was possible the realization of this work.

KEYWORDS: ICT. Education. Digital Natives. Continuing Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 ESCOLA E INCLUSÃO DIGITAL.....	11
1.1 Sociedade e Novas Tecnologias.....	11
1.2 As TICs na Educação.....	14
1.3 Breve Histórico das TICs no Brasil.....	17
2 O PERFIL DO EDUCANDO NUM CONTEXTO DE IDADE MÍDIA.....	22
2.1 O Jovem e a Cultura Midiática.....	22
2.2 Os Nativos Digitais e os Perigos na Internet.....	25
3 O PERFIL DO EDUCADOR: desafios e possibilidades.....	29
3.1 Por uma concepção da sociedade e do sujeito conectados.....	29
3.2 Formação continuada de professores e a emergência de novas práticas.....	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A educação, de modo geral, vem passando por significativas mudanças. Com o advento dos avanços tecnológicos e sua popularização, a facilidade de acesso às informações em tempo real passou a modificar substancialmente o comportamento social do homem e consequentemente, a forma como a escola passa a educá-lo.

Vivemos numa grande comunidade digital, interligada em rede, na qual a troca de informações e a utilização de recursos tecnológicos têm determinado modos de vida e de sociabilidade. (CASTELLS, 1999). Nesse aspecto, infere-se que nem a aprendizagem nem o ensino são mais os mesmos de antigamente. Aprender e ensinar ganhou outra dimensão, preocupada não apenas com o aluno sujeito individual, mas com o ser social, atuante e transformador do seu universo sociocultural.

No entanto, tantas mudanças no espaço social passaram a exigir um redimensionamento das atividades escolares, não apenas no que concerne aos novos conteúdos, mas também à necessidade de se pensar numa prática pedagógica que passe a acolher em termos gerais, o aluno e suas necessidades atuais.

Os professores de hoje sentem o impacto dessas mudanças e, em meio ao desafio, tenta movimentar-se e abandonar posturas antigas, arraigadas de um fazer pedagógico ultrapassado que não mais atende à demanda de uma sociedade com amplas possibilidades e recursos tecnológicos.

Nesses termos, falar em inclusão digital é falar, antes de tudo, de prática de ensino, de formação de professor, de tecnologia, de escola e, em especial, de aluno – sujeito – e por muitos denominados de nativo digital. Totalmente envolto em tecnologias e mídias digitais.

Desse modo, objetiva-se com esta proposta discutir sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação e do papel da escola enquanto espaço de inclusão digital, bem como, traçar os perfis do professor e do aluno enquanto sujeitos atuantes de uma sociedade em transformação. Além disso, tentaremos, aqui, apontar alguns caminhos que possam, de qualquer modo, orientar a atuação do professor em sua atividade primária de formar indivíduos comunicativos competentes e aptos a lidar com as diversas tecnologias que os cercam. As possibilidades de debate tendo como cerne essa temática são ilimitadas, portanto, vale ressaltar que aqui se trás uma contribuição para reflexão sobre questões teóricas e praticas dessa realidade.

A importância desse estudo se faz a partir da tomada de consciência de que a escola, enquanto espaço de aprendizagens múltiplas, deve abrir espaços outros que possibilitem não

apenas a inclusão digital dos alunos, haja vista a necessidade de se desenvolver nesses sujeitos as habilidades de manipulação dos diversos recursos tecnológicos que lhe cercam no seu contexto sociocultural, mas também despertar a importância da figura do professor, que para além da concepção simplista de que este pode ser superado pelas tecnologias, constitui cada vez mais um mediador necessário e responsável pelo uso adequado desses aparatos.

O professor da escola contemporânea deve estar em sintonia com a os avanços tecnológicos, e, por isso, deve dispor de conhecimentos básicos para a manipulação dos diversos recursos de tecnologia, se quiser um aprendizado mais eficiente e mais eficaz. Nesse sentido, cabe-lhe trabalhar, especialmente, com as tecnologias que esses alunos utilizam no seu cotidiano. No entanto, não se pode esquecer o professor, que, ao possibilitar esse estudo, deve oportunizar ao aluno reflexões, questionamentos sobre essa nossa sociedade digital, para que possam se tornar efetivamente sujeitos construtores do seu mundo.

Nesse sentido, a presente monografia está estruturada da seguinte maneira:

O primeiro capítulo aborda questões referentes às concepções teóricas sobre as TICs, seu percurso histórico no Brasil e sua relação com a Educação.

O segundo capítulo, por sua vez, trás reflexões sobre o perfil do aluno enquanto sujeito inserido numa sociedade estruturada em rede e perpassada pela onipresença das tecnologias, e propagadora de uma cultura digital. Nesse ponto, foi contemplada a relação entre aluno – sujeito social, nativo digital – e toda essa cultura midiática, abrindo um parêntese para a reflexão sobre os riscos que este aluno corre dentro desse contexto de utilização de mídias digitais, a exemplo da internet.

O terceiro capítulo aponta questões referentes à prática pedagógica do professor, atribuindo-lhe um perfil de sujeito atuante e mediador na construção desse conhecimento de TICs e, conseqüentemente, sujeito propiciador de inclusão digital. Aqui também, destacou-se, a necessidade de um processo significativo e urgente de formação continuada para os professores trabalharem com mais propriedade o desenvolvimento de habilidades voltadas para o uso das tecnologias digitais.

CAPÍTULO 1 – ESCOLA E INCLUSÃO DIGITAL

1.1 Sociedade e Novas Tecnologias

As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) correspondem a um conjunto de recursos de caráter tecnológico que tem o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de atividades específicas, seja na indústria, no comércio ou, como no campo foco desse trabalho, na educação.

Pode-se afirmar que foi o fácil acesso à internet que possibilitou e oportunizou o uso das TICs nos diversos setores da atividade humana. Através da internet, a comunicação e o repasse de informações ganharam outra dimensão: maior e mais rápida, além de ter se tornado mais eficiente.

A utilização de recursos como: e-mail, chats de bate-papo, fóruns, comunidades virtuais, webcam, entre tantos outros, trouxeram uma verdadeira revolução na forma como o homem se relaciona com o outro e também como ele se comporta, de maneira geral, em sociedade.

Uma área que tem tentado se adequar ao contexto novo e em constante alteração com o uso das TICs e com isso tem alcançado grandes benefícios é a área educacional. Elas são encaradas como recursos didáticos altamente atraentes no processo de ensino – aprendizagem. Além disso, possibilita uma aprendizagem mais significativa, pois esses recursos estão presentes no cotidiano dos nossos alunos e portanto possibilita a interação entre os conteúdos ministrados e o cotidiano de crianças e jovens.

A inserção de vídeos, áudios, formas interativas diversas, dentre outros materiais, possibilita uma maior dinamicidade na transmissão de conteúdos. Um exemplo expressivo de uso das ferramentas tecnológicas na educação é o ensino à distância. Com a criação dos ambientes de aprendizagem, tornou-se possível educar alunos cujas possibilidades de freqüentar uma escola regular não são propícias.

Nesse sentido, os educadores podem realizar as atividades junto aos alunos através de emails, mensagens, chats, fóruns, plataformas multimídias e etc, tornando possível a alguns alunos o sonho de concluir seus estudos.

Essa democratização da informação e a inclusão digital são processos decisivos na formação do aluno moderno, e nesse sentido, cabe à escola o papel de proporcionar o acesso

dos alunos a essas novas tecnologias, para que, quando solicitado, ele possa fazer uso delas de modo eficiente.

Tais recursos tiveram uma rápida evolução e, nesse processo rápido de evolução do mundo moderno, tais inovações trazem muitas e variadas facilidades para os mais diversos campos de atuação do homem moderno. Mas muito do que se pratica hoje só foi possível com popularização da internet, a partir da década de 90, por exemplo, era que se tornou um divisor de águas nas atividades escolares e trouxe avanços significativos no processo ensino e aprendizagem.

Vale destacar que não se trata de algo isolado, como o uso constante das tecnologias em nosso cotidiano, mas é preciso considerar a situação atual como uma nova lógica de atuação e vivência. Ao falar em sociedade estruturada em rede, Castells (1999) se refere a todo um sistema de vivência e práticas. Trata-se de uma complexa configuração das sociedades contemporâneas que interagem e seguem sob o paradigma informacional. Para ele, “a nova economia está organizada em torno de redes globais de capital, gerenciamento e informação”, e define:

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p. 499).

É interessante lembrar que a todo o momento nos referimos nesse texto a conjuntura educacional, mas é fato que essa é apenas uma faceta da realidade atual.

Segundo Sousa (2011, p. 20):

O que vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídias, estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; a possibilidade de extensão da memória e de atuação em rede; ocorre a democratização dos espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, co-autoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto de docentes como discentes.

Nos tempos atuais percebemos um novo mundo que surge, onde o trabalho é realizado em grande parte pelas máquinas, restando ao homem o papel de ser criativo e gerir esses mecanismos tecnológicos de modo inteligente. Para a escola, cabe a tarefa de desenvolver competências e habilidades junto aos alunos para que busquem, construam, transformem o conhecimento. Não apenas juntar e repassar grandes quantidades de informações sem sentido, mas um conhecimento baseado na análise, na reflexão, na construção positiva de um indivíduo social, cidadão.

Os avanços dessas tecnologias contribuem muito para que a sociedade construa e se aposses cada vez mais intensamente de informações e conhecimentos diversos.

Em uma sociedade estruturada em rede, conforme menciona Castells (Ano) o professor e a escola assumem a função fundamental de mediadores das diversas aprendizagens, em especial no que tange a apropriação dos conhecimentos das novas tecnologias. Segundo Morin (2006, p. 64):

A mundialização, estágio atual da era planetária, significa primeiramente, como disse o geógrafo Jacques Lévy: 'o surgimento de um objeto novo, o mundo como tal'. Porém, quanto mais somos envolvidos pelo mundo, mais difícil é para nós apreendê-lo. Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade.

De maneira que pode-se afirmar que vivemos em um mundo conectado em rede e estruturado a partir da onipresença dos meios de comunicação que acabam por reconfigurar todas as esferas das relações humanas. Lévy (1999, p. 172) referindo-se ao crescente uso das TICs, menciona como a educação é um campo diretamente perpassado por essas transformações:

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanham e amplificam uma profunda mutação na relação com o saber [...] Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado e, algumas vezes, até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em redes oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas quanto nas escolas.

Nesse sentido, práticas pedagógicas, relação aluno/professor, forma de interação entre aluno e gestores, papéis sociais de profissionais da educação, tudo passa pela necessidade de uma releitura e de adaptações a essa conjuntura social.

1.2 As TICs na Educação

O uso das tecnologias na educação não é temática recente. No entanto, um dos maiores desafios a que se propõe a educação atual é adaptar-se às novas tecnologias educacionais (TICs), pois conforme podemos constatar, elas estão presente no cotidiano de todos, seja através da televisão, internet, rádio, celulares ou jogos de videogame. Cabe à escola oportunizar a entrada dos recursos técnicos e educacionais necessários para que os alunos, de posse do conhecimento, possam operá-las e então utilizar-se delas como mecanismos propulsores na busca pelo conhecimento e, do outro lado, o professor possa utilizá-las como recurso pedagógico.

Essas novas tecnologias, quase sempre refletem a cultura local e por isso propicia uma aprendizagem mais dinâmica e ao mesmo tempo mais significativa, pois os alunos estão operando com ferramentas com as quais lidam no seu dia-a-dia.

Segundo Gabassa (2012, p. 37):

Uma preocupação central dentro das comunidades de aprendizagem é a dimensão instrumental da aprendizagem. Dentro do contexto atual, no qual as transformações sociais, econômicas, científicas e tecnológicas acontecem de forma acelerada, ter acesso à informação e saber relacioná-la é fundamental para a sobrevivência na sociedade. Os conhecimentos escolares, por sua vez, são chaves para a garantia de uma vida mais digna e plena de possibilidades.

Para a autora, essa dimensão instrumental da aprendizagem deve ganhar um espaço na escola de tal modo importante que eles se configurem como um caminho para o sucesso do aluno enquanto ser social.

Essa dimensão deve ser ponto crucial nas discussões pedagógicas, principalmente em decorrência da necessidade de se acompanhar aquela dinâmica de transformações na qual vive a nossa sociedade, sem a preocupação de a escola se tornar uma instituição falida, ineficiente e atrasada.

Dentro desse contexto, pode-se destacar que os aparatos tecnológicos e os avanços dos recursos, se refazem e constantemente, de modo que as transformações acontecem de forma acelerada. Cabe à escola, a função de investigar tais transformações e oportunizar aos alunos uma reflexão e uma aprendizagem sobre elas.

Sabemos que a educação e o sistema educativo passam por mudanças nos últimos anos. Os avanços tecnológicos trouxeram à rapidez e acesso às informações, mudando inclusive a forma como vivemos e, é claro, como aprendemos. Tais mudanças ainda não foram incorporadas as praticas educacionais de forma efetiva e apropriada. Trata-se de um processo em curso perpassado por diferentes problemáticas como tudo que exige adaptação.

Como menciona Lèvy (1999); Lemos (2001); Castells (2000) e Rubim (2002) a sociedade estruturada em rede, a chamada Idade média tem acarretado profundas mudanças nos modos de vida, haja vista o conhecimento, hoje globalizado, estar disponível para todo mundo, para todas as pessoas, o que (re) cria nossa cultura individual e desencadeia um processo de configuração de uma cultura global.

Os conhecimentos técnicos hoje são fundamentais, é necessário estar atentos e apreender sua operacionalização e, nesse sentido, a escola é um dos principais espaços capazes de proporcionar o encontro com essas novas formas de apreensão de informações.

Segundo Sousa (2011, p. 17):

A sociedade que se configura exige que a educação prepare o aluno para enfrentar novas situações a cada dia. Assim, deixa de ser sinônimo de transferência de informações e adquire caráter de renovação constante. A escola de hoje é fruto da era industrial, foi estruturada para preparar as pessoas para viver e trabalhar na sociedade que agora está sendo convocada a aprender, devido às novas exigências de formação de indivíduos, profissionais e cidadãos muito diferentes daqueles que eram necessários na era industrial.

Para o autor o papel da escola é formar um novo cidadão de modo que ele esteja apto a conviver com as modernas transformações sociais as quais estamos dispostos. Não somente o aluno é convocado a aprender, mas também todos os profissionais, inclusive o professor que está diretamente ligado a esse conhecimento que tanto cresce e tanto muda.

Vale ressaltar que falar de um redimensionamento da prática pedagógica do professor não indica simplesmente trazer todo o aparato tecnológico para dentro da sala de aula, mas, levar a sua aula para o meio onde os nossos alunos vivenciam experiências reais e de uso efetivo dessas tecnologias, pois a sala de aula não é o único espaço propício à construção dos

saberes. Conforme afirma Silveira (2012): “Os alunos de hoje são diferentes, e por isso, a era tecnológica necessita de um sistema educacional reformulado voltado para esses novos alunos, os nativos digitais” e cita Prensky (2001, p. 1):

Eles passam a vida inteira cercados por e utilizando computadores, videogames, reprodutores de música digital, câmeras de vídeo, celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital [...] Jogos de computador, e-mail, internet, celulares e mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas.

Para o autor, esse novo aluno deve ser acolhido com a sua “nova cultura” pela escola e pelo professor, que convocado a redimensionar sua prática pedagógica, necessita também redimensionar e sistematizar seus conhecimentos acerca dessas novas tecnologias da educação.

Nesse sentido, podemos inferir que o nosso sistema educacional não foi planejado para atender as demandas do aluno de hoje, os métodos de ensino já não são tão eficazes e os nossos recursos, tornaram-se obsoletos.

Sousa & Serafim (2011, p. 22) afirmam que:

A expressa necessidade de um maior envolvimento entre as áreas tecnológica e educacional é cada vez mais evidente. Hoje, a relação educação e tecnologia é presente em quase todos os estudos que analisam o contexto educacional. Grinspun (1999) aponta que a educação e políticas de ciências e tecnologia, ocupam lugar de centralidade nas decisões políticas em termos de qualificação dos recursos humanos, exigência de novos padrões de desenvolvimento.

Para os autores, a educação é o espaço propício para proporcionar aos alunos, de forma eficaz, esse encontro entre aprendizagem e recursos tecnológicos. Ainda segundo Sousa & Serafim (2011, p. 22):

A multimídia interativa permite uma exploração profunda devido à sua dimensão não linear. Através da multimídia tem-se uma nova estruturação de como apresentar, demonstrar e estruturar a informação apreendida. O computador mediante o texto, imagem e som interrompe a relação autor/leitor que é claramente definida num livro, passa para um nível mais elevado, reconfigurando a maneira de como é tratada esta relação. A interatividade proporcionada pelos aplicativos multimídia pode auxiliar tanto na tarefa de ensinar quanto de aprender.

Desse modo, essa interatividade abre espaço para um processo mais amplo de aprendizado, também mais complexo na medida em que esse espaço de multimídias permite a utilização de vários recursos que lidam, por sua vez, com as diversas habilidades dos alunos, cabendo ao professor e à escola, a tarefa de organizar e administrar a apropriação desse novo conhecimento pelos nossos alunos. Pois como afirma Teruya; Felipe & Takara (2013, p. 80):

A escola é um espaço de mediação de discursos, onde os significados e as práticas culturais da sociedade se articulam ou se conflitam nos processos de interações entre as diferentes subjetividades para a formação das relações sociais, políticas e discursivas entre os indivíduos.

Esse espaço de aprendizagem que se configura como função primeira da escola deve trazer a vivência dos mais variados tipos de conhecimentos, pois o indivíduo para (con)viver em sociedade precisa também do domínio da maioria dos conhecimentos. Isto é que se costuma chamar de educação para a vida.

1.3 Breve Histórico das TICs no Brasil

A comunicação é uma necessidade humana desde os tempos mais remotos. O modo como o homem se comunica determina também, o modo como ele se relaciona. Assim, e de acordo com as necessidades que apareciam, ele passou a desenvolver novas formas ou novos recursos para facilitar essa comunicação.

Das pinturas rupestres, passando pelo desenvolvimento da prensa móvel do alemão Johannes Gutenberg, pela criação do sistema editorial, pela criação das ondas eletromagnéticas e invenção do rádio, da televisão e do computador, longo foi o caminho do desenvolvimento e evolução dos meios e formas de comunicação.¹ Pensar em tecnologias antecede o advento das tecnologias digitais, pois o que fomenta o estado atual da sociedade contemporânea trata-se de um processo no qual até mesmo a invenção da tinta capaz de uma aderência imperecível no sistema tipográfico no século XVI contribuiu para o advento de uma comunicação mais ágil e efetiva.

Mencionar esse percurso é importante porque ao se falar em tecnologias, geralmente se pensa exclusivamente nas tecnologias digitais e é relevante destacar que desenvolvimento

¹ Ver: “Evolução na Comunicação – Do Sílex ao Silício” de Giovanni Giovannini (1987).

tecnológico dos meios de comunicação engloba todo esse percurso histórico. Porém, para esse trabalho, interessa centrar a atenção, nas chamadas novas tecnologias, que tem seu significado atrelado às tecnologias digitais, a um contexto de cibercultura.²

Essa gama de recursos tecnológicos surgiu do processo de evolução no cenário moderno, facilitando inclusive o processo de educação através, por exemplo, da inclusão digital, com a chegada dos computadores nas escolas e o acesso dos alunos a esses recursos. Além disso, as atividades dos professores ganharam novas dimensões na escola e na comunidade, além de ressignificar sua prática pedagógica.

Segundo Leite (2010, p. 13):

Um histórico da introdução mais sistematizada das tecnologias na escola brasileira, iniciada em nosso país a partir dos anos 60, pode ajudar a esclarecer por que se formou sobre o assunto um certo preconceito no meio educacional. A proposta de levar para as salas de aula qualquer novo equipamento tecnológico que a sociedade industrial vinha produzindo, de modo cada vez mais acelerado, foi, no Brasil, uma das pontas de um contexto político-econômico cujos objetivos eram inserir o país no mercado econômico mundial como produtor e consumidor de bens, em uma perspectiva, um desenvolvimento associado ao capital estrangeiro. Na educação isso se traduziu na defesa de um modelo tecnicista, preconizando o uso das tecnologias como fator de modernização da prática pedagógica e solução de todos os seus problemas.

Esse “certo preconceito” vivenciado pelas escolas em todo o país originou-se da supervalorização de modelos tecnicista de educação. Atualmente, a educação brasileira possui objetivos claros, amplos, voltados para a apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos e com uma estrutura de ensino organizada sistematicamente.

Na década de 80 já se buscava uma educação que tivesse como foco o uso de tecnologias como ferramentas de aprendizagem com o intuito de resolver aqueles problemas mais latentes, como a dificuldade de leitura e escrita. Acreditava-se que tais instrumentos tinham o poder de despertar o interesse dos alunos, ao mesmo tempo que, poderiam ser objetos de construção de conhecimento.

Segundo Sousa (2011, p. 18):

A educação no mundo e a brasileira vêm sofrendo novas intervenções nestes mais recentes 10 (dez) anos, no tocante à presença e implementação de tecnologias recentes na educação. No Brasil, nas escolas públicas, pode-se

² Ver: LÈVY, P. (1993). **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.**

citar o Proinfo, como presença de uma Política Federal para informatizar as escolas e formar professores. Mas somente a introdução dos computadores na escola não é suficiente, para que a prática pedagógica possa ser ressignificada, quando a questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. E isso passa evidentemente pela formação continuada de professores.

Dessa forma, falar em TICs no Brasil é falar de um desafio, pois as políticas públicas nessa área são ainda recentes, a exemplo do Proinfo (Programa de Formação de Professores para uso das Novas Tecnologias Educacionais) e além disso, o programa têm se contrariado em sua concretização, pois muitas vezes os computadores chegam antes de os professores terem a formação necessária para operacionalização da ferramenta, ou por vezes acontece o contrário, o professor tem a formação, mas não chegam os computadores.

No Brasil é preciso aprimorar a formação do professor quanto ao uso das tecnologias na educação. A rapidez com que as TICs passam a fazer parte do espaço escolar suscita que a escola enquanto instituição, dê sua contrapartida para que o professor acompanhe tal desenvolvimento. As TICs devem ser utilizadas nesse âmbito com o intuito de facilitar ou potencializar a aprendizagem dos alunos. De acordo com Sousa (2011, p. 20):

O que se vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídias, estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir; a possibilidade de extensão da memória e de atuação em rede; ocorre a democratização de espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, a co-autoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto docentes como discentes.

Para o autor, o uso das TICs apresenta várias vantagens para o processo de ensino e aprendizagem, tanto para o aluno como para o professor, uma vez que apresentam um leque de espaços para o desenvolvimento das mais variadas habilidades. Sobre o assunto, cita Moran (1995, p. 27) e sua observação sobre o vídeo e o uso simultâneo da linguagem verbal e não-verbal: “o vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força”.

Nesse sentido, o professor enfrenta um dilema, pois por vezes sem a formação continuada necessária ou sem os recursos e espaços físicos, acaba sendo solicitado dele a missão de oportunizar o acesso do aluno a todo esse conjunto de recursos. Por outro lado, vale pensar desse modo, na postura do mesmo como profissional que deve abandonar posturas antigas de um ensino tradicional centrado na mera reprodução de conteúdos de forma estática. É necessário que o professor seja um mediador entre o aluno e o conhecimento, levando em conta, inclusive, os saberes que o aluno traz para a escola, que muitas vezes pode acrescentar à própria dinâmica da aprendizagem em sala de aula. Sousa (2011, p. 22) afirma que:

Na educação contemporânea o professor é visto como a fonte de todo o conhecimento e o conhecimento não é um objeto, algo que possa ser transmitido do professor para o aluno. Contudo, ainda hoje, em muitas escolas, predomina a comunicação vertical, o professor é o detentor do saber absoluto, agindo como um transmissor de conhecimento e não permitindo que o aluno discuta suas idéias e traga novas informações para a sala de aula. Muitos professores não levam em conta a experiência que os alunos já trazem consigo e não estimulam a discussão sobre o que eles aprendem em casa, na rua, na TV, no rádio, revistas e Internet.

A ideia de um professor que sabe tudo e do aluno que ali se encontra na condição passiva de receptor de mensagens e conteúdos não se aplica, não se sustenta na atualidade. Nosso “novo” aluno requer um “novo” professor, mais dinâmico, mais informado, que preferencialmente utilize uma linguagem próxima à linguagem dos alunos. Pois estes se encontram de tal modo inserido numa nova dinâmica social cheia de artefatos tecnológicos que sua língua, seus hábitos, seus valores, suas crenças estão arraigados nessa lógica. E o espaço no qual esses alunos adquirem uma nova dinâmica de vida voltada para as mídias é a internet.

Sobre o assunto, Pinho (2010, p. 68) afirma que:

O acesso à Internet vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Na década de 90 o Brasil apresentou um aumento considerável no que se refere aos números relacionados à internet. [...] Apesar do aumento do acesso à Internet, grande parte da população ainda não possui a possibilidade de uso da rede.

O autor afirma que esse acesso que vem crescendo desde a década de 90 ainda se configura como um espaço inacessível para alguns. Pinho (2013, p. 69), ao citar Egler chama

a atenção para esse fato e um fator negativo resultante dessa realidade que é a exclusão digital.

Que o acesso à Internet vem crescendo e que a sociedade está cada vez mais dependente de seus serviços são fatos concretos. O dado preocupante é a grande massa que não possui acesso à rede e se torna dessa forma uma nova categoria de excluídos. Numa sociedade que se baseia na informação e esta passa a ser necessidade cotidiana, os indivíduos que não participam dessa realidade ficam desfavorecidos socialmente. A disponibilidade da informação e a inclusão digital é responsabilidade das instituições públicas, privadas e organizações sociais.

Nesses termos, o trabalho de possibilitar o acesso à internet e a outras tantas tecnologias é função da escola e mais especificamente do professor, principalmente por ser uma tarefa essencialmente política que rompe as barreiras da exclusão, transformando a educação e o aluno em “ferramentas” de inserção social e de democracia.

Educar não é apenas oportunizar o desenvolvimento de processos de leitura, de escrita ou de domínios matemáticos. Na atualidade, dentro da perspectiva de formação de indivíduos conscientes e transformadores do seu mundo, a escola deve propor mecanismos ou espaços de aprendizagem que atendam às novas exigências e que acima de tudo respeitem a nova realidade na qual nossos alunos estão inseridos, conduzindo-o ao domínio das novas linguagens e a sua inserção na cultura da sociedade onde vive. É papel da escola e do professor ser mediadores nesse processo de construção e apropriação dos saberes para que o nosso aluno tenha oportunidades várias na construção social e democrática do conhecimento.

CAPÍTULO 2 – O PERFIL DO EDUCANDO NUM CONTEXTO DE IDADE MÍDIA

2.1 O Jovem e a Cultura Midiática

Antes de suscitar uma reflexão sobre a relação existente entre os jovens e uma cultura de mídia na qual estamos inseridos, convém refletir sobre essa fase da vida tão complexa quanto intensa.

Teruya; Felipe & Takara (2013, p. 77) afirmam que:

Os estudos sobre os sujeitos da juventude e sua cultura tornam-se desafiadores no sentido de compreender suas articulações no espaço escolar. Um desses desafios é a indefinição de quem é esse sujeito da juventude. Para Daryrell (2003) o conceito de juventude é histórico e socialmente construído, ou seja, a juventude é uma fase da vida marcada por instabilidade e geralmente associada a problemas sociais.

Para os autores, o conceito de juventude depende do contexto histórico vivenciado por esses jovens e refletem, já que é um conceito histórico, seus valores, suas crenças, sua cultura.

Segundo Teruya; Felipe & Takara (2013, p. 78), uma pesquisa encomendada pela agência McCann-Erickson sobre o perfil dos jovens brasileiros, e publicada na Revista Veja, n. 818, de 1984, os definia como a pessoa pertencente à faixa-etária de 15 a 24 anos de idade. Tal pesquisa revelou que a juventude na sua maioria:

Condena a infidelidade conjugal. Condena o homossexualismo. Tem dúvidas sobre se o aborto deve ou não ser liberado. E, quanto à educação que vem recebendo, embora ache que às vezes os pais se metem demais na vida dos filhos, afirma que não tem outro modelo a oferecer; dará a seus próprios filhos exatamente a mesma educação que vem conhecendo em casa.

Para os autores, esses dados permitem afirmar que os jovens se organizam de diversas formas e em alguns casos eles reafirmam os valores já estabelecidos; outras vezes, porém, passam a contestá-los. Trata-se, no entanto, de uma pesquisa da década de 80, e algumas dessas posturas tem se modificado ao longo dos anos.

Quando falamos da relação existente entre os jovens e as mídias, é quase unânime o alerta de perigo, pois conforme se pode constatar em muitos jornais ou programas de notícias,

diariamente crianças, jovens e adolescentes são vítimas de vários tipos de crime que tem como espaço desencadeador, as redes sociais e demais formas de uso da internet.

No entanto, nem tudo é risco ou perda de tempo, pois o contato com todo esse aparato tecnológico tem possibilitado a apreensão dos mais variados saberes, e permitido também o desenvolvimento de diversas habilidades em seus usuários. Isso se deve ao fato de que todas essas ferramentas possuem recursos que envolvem desde a leitura, à comunicação visual e auditiva.

As redes sociais, por exemplo, os sites de relacionamento, chats, jogos, vídeos e sites de pesquisa, constituem agora os novos aparatos que através de aparelhos de celulares e microcomputadores compõem os canais de informação e comunicação dos jovens. Estes recursos estão de tal modo presentes na vida dos jovens que se torna quase impossível imaginá-los sem o uso cotidiano de pelo menos uma dessas ferramentas.

Segundo Teruya; Felipe & Takara (2013, p. 78) citando Libâneo (2006), afirmam que:

A cultura dos sujeitos da juventude é heterogênea nos discursos e nas vivências com diferentes saberes. São linguagens e comportamentos que se alteram nas relações entre os diferentes indivíduos que transitam pelo espaço escolar. Essas culturas juvenis oportunizam aos pedagogos e pesquisadores da educação questionar as relações entre os jovens e as mídias e quais suas relações como o espaço escolar.

Essa preocupação sobre a função da escola diante o desafio de educar nas e com as mídias é emergente na contemporaneidade. Os espaços online proporcionam a aproximação entre as tribos jovens, fazendo com que eles ampliem seus conceitos, comparando, imitando e reformulando valores, crenças, princípios, atitudes. Sites de redes sociais como o Facebook, para citar apenas uma entre tantas outras, é um verdadeiro campo de expressão, de conflitos, de encontros, de desafetos, de angústias, e sempre de amadurecimento, apesar da grande maioria dos jovens utilizarem esse espaço somente para fins de ampliação e afirmação de sua vida social.

No entanto, existem também aquele jovem que utiliza a Internet, e todos os seus recursos para obtenção de informações nas mais diversas áreas do conhecimento. A exemplo disso temos as pesquisas escolares, que mesmo simplórias, permitem ao aluno o desenvolvimento de habilidades complexas como pesquisas, seleção, leitura, compreensão, poder de síntese, entre outras.

Nesse sentido, o uso dessas novas mídias permite mais autonomia diante da tarefa de informar-se e educar-se, característica que justamente em decorrência dessa nova cultura, precisa estar presente em sala de aula, pois se trata de um novo perfil de criança e jovens.

Para Sousa & Serafim (2011, p. 23) destacam a dissonância existente entre a cultura dos jovens, seus hábitos e comportamentos atuais e a forma com que os conteúdos são transmitidos e/ou discutidos em sala de aula:

O espaço educativo escolar deveria ser constituído de ambientes de troca de saberes e construção de reflexões e práticas transformadoras. No entanto, os alunos, muitas vezes, não encontram um ambiente em que possam discutir suas idéias e participar do ato de aprender, mutuamente. Um dos assuntos mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre cultura escolar e a cultura da juventude. Os conteúdos e conceitos aprendidos em sala de aula muitas vezes não fazem sentido para estes jovens que almejam um futuro que na maioria das vezes não está ligado ou relacionado com o que vêem nas salas de aula.

A função da escola em se constituir como ambiente favorável à aprendizagem a partir de recursos múltiplos acarreta para si a obrigação de caminhar no mesmo passo que os avanços e progressos que a sociedade vivencia, sob o risco de ser rotulada de falida ou incompetente na tarefa de educar.

Segundo Leite (2010, p. 14):

A grande questão para a escola é a construção de um projeto pedagógico que permita a formação de cidadãos plenos. Nele a tecnologia estará inserida, de forma adequada aos objetivos, como uma das maneiras de proporcionar a professores e alunos uma relação profunda com o conhecimento.

Ao oportunizar ao aluno, no contexto de sua educação e formação, esse contato com as novas tecnologias, o professor, a escola estará desenvolvendo habilidades específicas e necessárias para que o aluno consiga lidar com essas tecnologias para além do âmbito da diversão ou lazer.

Para Teruya; Felipe & Takara (2013, p. 80):

A escola é um espaço de mediação de discursos, onde os significados e as práticas da sociedade se articulam ou se conflitam nos processos de interações entre as diferentes subjetividades para a formação das relações sociais, políticas, culturais e discursivas entre os indivíduos.

Para os autores, essa mediação é essencial ao desenvolvimento dessas habilidades entre o conhecimento proposto e a realidade vivenciada pelos alunos, em especial no que tange ao papel social que cada jovem desempenha dentro do seu contexto cultural. Para concluir, os autores afirmam categoricamente que:

As relações dos sujeitos da juventude no espaço escolar são complexas e exigem compreensão das culturas juvenis que são múltiplas e composta por inúmeros saberes que se combinam, se rejeitam, se complementam. A mídia ao ser incorporada como um dos artefatos culturais da ação pedagógica, que o jovem se perceba não preso a um conceito único do que é juventude, mas sim se perceba enquanto sujeito histórico que é entrelaçado em organização de sentidos múltiplos. (TERUYA; FELIPE & TAKARA, 2013, p. 82).

Isso exige uma nova postura pedagógica do professor que, apoiado nesse aparato tecnológico, irá porpor possibilidades de construção de conhecimento aos alunos, sem esquecer, inclusive de focar esse processo na realidade do aluno, na sua cultura, na sua linguagem, nas suas crenças, o que garantirá uma aprendizagem, de fato, significativa e prazerosa.

2.2 Os Nativos Digitais e os Perigos na Internet

Os nativos digitais possuem o mesmo perfil em todo o mundo: ficam entediados facilmente com atividades que não exijam o envolvimento de várias habilidades como falar, ver e ouvir ao mesmo tempo. Dominam com destreza as atividades tecnológicas e passam a maior parte do tempo, conectados a algum desses aparatos.

Para Prensky (2001, p. 43):

Eles são usuários de hipertextos instantaneamente, baixam música, têm fones nos seus bolsos, uma biblioteca em seus computadores portáteis, irradiam mensagens. Eles têm vivido em rede a maior parte de suas vidas. Têm pouca paciência para leitura e uma lógica paulatina.

Para o autor, esses jovens, considerados nativos digitais, estão envoltos em diferentes espaços de aprendizagens, de usos das várias linguagens, de diversas formas de convivência.

Por fim, possuem uma intensa afinidade com a tecnologia e isso traz em paralelo a alguns ganhos, também, sérios riscos.

Nossos jovens ficam tempo demais ao computador seja em casa ou na escola, seja jogando, navegando em sites de entretenimento e relacionamento, seja conversando, pesquisando ou baixando arquivos variados. Disso tudo, pouca coisa é tarefa da escola.³

Os nativos digitais, em meio a tantas opções de uso, buscam informações com uma espécie de leitura hipertextual daquilo que aparece na tela, mas quase sempre, acaba se conectando a um chat de bate-papo virtual com uma enorme variedade de pessoas, muitas delas, desconhecidas. Deste modo, fazem novos contatos, novas amizades e aqui, surge um grande espaço de risco no que tange à integridade física e moral do jovem, adolescente ou criança.

Segundo Brito (2011, p. 1):

É uníssona a ideia de que a modernidade, junto com os benefícios ecológicos, econômicos e sociais, trouxe uma série de novos riscos que incrementaram a maioria dos contatos sociais. A rede mundial de computadores, por sua vez, como ferramenta que revolucionou os meios de comunicação, foi a responsável pela integração mundial desses contatos, distribuindo, conseqüentemente, os riscos decorrentes do seu uso para todos os espaços do universo que estejam conectados. A busca intensa por inclusão digital, em geral mal educada; a substituição de contatos físicos por relacionamentos via internet; a expansão do comércio eletrônico; e o constante aumento das transações bancárias e financeiras pelo computador, são as principais características identificadas na sociedade atual como incrementadoras dos riscos relacionados à delinqüência informática, fatores que sugerem uma maior preocupação com a temática.

Para o autor, há uma má educação e uso inadequado da internet e dos recursos tecnológicos em geral e isso tem acarretado sérios riscos para jovens e adolescentes, concretizados quase sempre através dos contatos adquiridos através dessas mídias.

Um dos principais perigos refere-se à pornografia que tem fácil acesso e trata-se de algo quase sem controle pelas autoridades.

³ Uma pesquisa publicada no American Educational Research Journal (Windschitl e Sahl, 2002) apresenta um estudo sobre práticas pedagógicas de professores do Ensino Médio que aprenderam a utilizar tecnologias móveis. O documento relata que os professores mudaram constantemente suas práticas de ensino ao longo do tempo quando estavam usando tecnologias com seus alunos. Os autores afirmam que a utilização de tais tecnologias pelos professores desempenha um papel importante em direção à pedagogia construtivista e que a forma como os professores eventualmente integram os computadores em sala de aula é mediada pela crença da importância da tecnologia na vida dos alunos. Disponível em: <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/estudos1-7-uso-computadores.shtml?page=1>. Acesso em: 21/01/2014.

Como todo meio de comunicação, a internet também é utilizada para a divulgação e expressão de vários tipos de violência, das mais variadas forma de preconceito seja contra a religião, contra escolha política, opção sexual, entre tantos outros temas.

Mesmo os nativos digitais apesar de manterem maior controle no uso dessas ferramentas, pelo menos com mais habilidade, acabam muitas vezes sofrendo alguns males resultantes dessa ampla liberdade que dispõem frente ao computador.

Nesse sentido, é preciso que os pais, a escola, o professor abram um espaço para o debate sobre esses perigos, uma vez que a conscientização continua sendo a principal ferramenta para a instrução dos jovens. Em análise sobre esse assunto, Brito (2011, p. 2) afirma que:

As crianças e adolescentes devem estar preparados para essa situação e saber que ela pode ser impedida, suspensa e revertida. Os responsáveis poderão ser identificados e punidos, mas para isso a vítima deve manter o controle e preservar as provas da agressão, seja salvando imagens no computador, ou imprimindo as páginas da internet que demonstrem o conteúdo ofensivo.

O autor chama a atenção para o fato de que os jovens devem estar preparados para uma situação de risco. Esse “preparo” deve ser adquirido junto à família e à escola. Vale ressaltar que estamos diante de uma gama de possibilidades de conteúdos e potencialidade comunicativa incomparável. Seu poder ideológico e toda a sedução que exerce não têm limites e tão pouco a função de proteger ou cuidar do sujeito. Tais cuidados acabam sendo sempre atribuídos a família e/ou a escola. A responsabilidade dos sujeitos envolvidos diretamente na formação do jovem aumenta diante de um território amplo e impossível de ser averiguado.

Diante de tamanha responsabilidade, a escola necessita trabalhar a partir do uso das novas tecnologias não apenas na transmissão de conteúdos mas no preparo dos jovens para o acesso responsável dos conteúdos do espaço virtual. Isso requer uma nova postura didática do professor, mais dinâmica e desafiadora, que instigue o contato de maneira crítica dessas mídias digitais na sala de aula e no mundo que o cerca. Sobre esse aspecto, Brito (2011, p. 3) destaca:

Com relação à vítimas crianças e adolescentes, a estatística dessas práticas só tem aumentado e muito disso se deve a despreocupação dos pais no momento da inclusão digital dos filhos. Como já foi dito, a internet tem as suas vantagens, mas é preciso cautela no uso dessa moderna e ilimitada

ferramenta. Navegar é preciso, mas nessa viagem os menores devem estar devidamente acompanhados e orientados sobre os riscos da navegação.

Nesses termos, o autor chama a atenção para o papel também da família nesse processo de educação voltada para os usos das novas tecnologias. Essa “Cautela” deverá ser amplamente discutida não apenas em família, mas em todos os espaços de aprendizagem e na escola especialmente.

CAPÍTULO 3 – O PERFIL DO EDUCADOR: desafios e possibilidades

3.1 Por uma concepção da sociedade e do sujeito conectados

Em geral, o surgimento de uma sociedade da informação é muitas vezes encarado como algo natural, fruto da modernização e das inovações nas sociedades tecnológicas.

A idéia de sociedade de informação está entrelaçada a de globalização capitalista e por isso, pode ser compreendida como um desafio através do qual qualquer e todos os indivíduos deverão passar, com vista a alcançar a condição de cidadão letrado e usuário de uma cultura digital.

Neste sentido, muitos estudiosos visualizam essa sociedade de informação apontando para as escolas e os sistemas educativos como elementos essenciais de um processo de mudança tão almejado no que tange ao uso e apropriação dos conhecimentos tecnológicos.

A chegada das chamadas TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação dentro do espaço escolar, tem se constituído foco de diversas reflexões e análise, em especial, no que tange ao impacto que elas têm causado em nossa comunidade e nas mudanças oportunizadas no processo de ensino-aprendizagem.

Vivemos num ritmo de permanente inovação tecnológica e aparentemente parecem não ser bem mais diversificado e dinâmico do que as atividades realizadas no contexto da sala de aula, muito embora, as escolas

Tenham, nos últimos anos, tentado se adaptar a essas exigências frente ao uso das tecnologias de informação.

De maneira geral, a abertura que se deu a essas tecnologias no âmbito escolar se deve em grande parte à crença de que elas proporcionariam um dinamismo e até certo ponto facilitariam o processo de ensino e de aprendizagem.

No entanto, a forma como ela tem se concretizado nas escolas tem gerado até alguns transtornos para professores, escola e alunos, pois dentre esses sujeitos postos, apenas os alunos possuem amplo domínio desses recursos, impingindo ao professor e a escola, de modo mais amplo, certa pressão para que possam caminhar lado a lado a eles e aos avanços da tecnologia.

Da mesma forma que uma outra mudança em educação exigiria abordagens mais intensa, a chegada dessas tecnologias trouxe apesar de tudo uma nova roupagem para o

ensino, em especial naquilo que se refere à proposta de letramento tão amplamente divulgada nos espaços pedagógicos.

O fato é que tal discussão acerca de uma sociedade de informação adquiriu um espaço maior com caráter mais reflexivo, uma vez que destaca diferentes questionamentos de caráter social, econômico, político e cultural, uma vez que essa inovação passou a fazer parte dos mais diversos espaços sociais.

Essas tecnologias da informação e comunicação têm sido abordadas nos espaços escolares de modo variados e nas diversas disciplinas, pois se configuram como verdadeiro recurso pedagógico que aponta para uma aula mais significativa e dinâmica. Segundo Almeida (2000, p. 34)

O êxito da expressão e do conceito [de sociedade da informação] é bem conhecido, só tendo provavelmente correspondência na popularidade do conceito de globalização. Ambas as noções têm referente real, traduzem — ou podem traduzir — efectivos processos sociais e tendências evolutivas verificáveis. Os dois conceitos carecem, em todo o caso, de que lhes seja precisado o conteúdo, de que lhes seja testada a capacidade heurística na análise das evoluções sociais e no esforço prospectivo. Como por vezes acontece nas ciências sociais, não deixaram de surgir interpretações apressadas e redutoras. Uma cederam à habitual tentação do determinismo tecnológico, atribuindo ao desenvolvimento científico e às aplicações tecnológicas capacidade, por si só, de transformar as sociedades” (Almeida, 2000: 34).

Para o autor, essa sociedade de informação reflete os chamados processos sociais na medida em que se insere no contexto social de cada indivíduo. Informar-se sobre toda essa aparelhagem que invadiram os mais variados espaços da humanidade é questão fundamental no papel da escola e do professor. Nesse sentido, necessário se faz que a escola e o professor busquem se apropriar desses conhecimentos para que possam dar uma nova roupagem às aulas e ao ambiente de construção do saber e da aprendizagem do aluno.

Dessa forma, aos professores compete a aquisição das novas competências técnicas que possam auxiliar nas práticas de aprendizagem e de ensino.

Nesse sentido, espera-se que a escola e todo o universo educacional tornem-se competentes para acolher e preparar o nosso aluno para o uso social desses conhecimentos vivenciados na escola, em especial no que tange ao uso das tecnologias. Os envolvidos no processo educativo terão que buscar desenvolver essas mesmas competências e procurar redimensionar suas práticas pedagógicas.

3.2 Formação continuada de professores e a emergência de novas práticas

Para progredir, o professor deve ser um aluno constante. Não apenas com o objetivo de buscar conhecimentos, mas principalmente, perceber que temos algo novo que se apresenta como desafio e que nessa busca seremos sempre aprendizes.

Nesse sentido, Morin (2007, p. 56) alerta para a necessidade de atentar para a própria formação e não apenas para a formação do aluno:

Quando pensamos em educação costumamos pensar no outro, no aluno, no aprendiz e esquecemos como é importante olharmos que somos profissionais do ensino como sujeito e objeto também de aprendizagem. Ao focarmos-nos como aprendizes muda a forma de ensinar. Se me vejo como aprendiz, antes do que professor, me coloco numa atitude mais atenta, receptiva, e tenho mais facilidade em estar no lugar do aluno, de aproximar-me a como ele vê, a modificar meus pontos de vista.

Enquanto profissionais da educação é preciso que foquemos nosso trabalho no aluno sim, mas sem esquecermos, conforme nos orienta Morin, na nossa própria atuação, na nossa própria construção do nosso conhecimento, pois, segundo o autor, é necessário que nos enxerguemos como aprendizes também, somente dessa maneira, poderemos refletir mais precisamente sobre a condição dos nossos alunos enquanto construtores de determinados conhecimentos.

Estamos sendo convocados à aprendizagem de acordo com as novas exigências da educação moderna que aponta para a formação do indivíduo-cidadão, capazes de atuar no seu mundo que, por sua vez, encontra-se cada vez mais cheio de inovações tecnológicas.

Uma das vantagens do uso dessas novas tecnologias educacionais é destacado por Sousa (2011, p. 21):

Com a mediação das ações pelo professor, que deve estar sempre aberto ao diálogo, os estudantes podem produzir conhecimento numa linguagem próxima de sua realidade, utilizando-se da criatividade e valorização do que cada um sabe nessa ação coletiva.

Para o autor, uma das vantagens de se trabalhar com essas modernas tecnologias da educação refere-se ao fato de a aprendizagem ganhar uma nova dimensão, mais dinâmica e

mais significativa, porque inclusive a linguagem é mais próxima da realidade do aluno, que está envolto em tantas expressões tecnológicas e que, muitas vezes, acabam por apresentarem mais conhecimentos sobre o assunto do que o próprio professor.

Nesse sentido, é ainda o citado autor que nos alerta:

Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento.

Desse modo, podemos dizer que o papel da escola diante do atual contexto de avanços tecnológicos e de globalização, onde as informações estão cada vez mais acessíveis é possibilitar a apropriação desses recursos tecnológicos, não somente pelo aluno, mas também pelo professor, sem o qual não haverá mediação nesse processo de produção dos novos conhecimentos pelos alunos.

Sobre o assunto, Sousa (2011, p. 23) afirma que:

Torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento.

Conforme foi destacado anteriormente, a escola é o espaço ideal para que o aluno possa tomar conhecimento do uso dessas novas tecnologias de um modo sistemático e planejado e aqui a função do professor enquanto mediador desse processo é fundamental para o êxito do aluno.

As novas tecnologias mudaram a cultura jovem, em especial no que tange a sua forma de relacionar-se socialmente e, como não poderia ser diferente, quanto à forma de aprender. Há portanto, um novo papel para a educação.

Isto traz à tona muitas reflexões sobre o novo papel da escola e do professor. As mídias sociais devem ser introduzidas na escola e utilizadas como espaços de aprendizagem. De certo modo e contrariamente ao que pensam os adultos, os jovens também desenvolvem inúmeras habilidades ao manusearem esse aparato tecnológico ao qual está envolto.

Sobre o uso das tecnologias Gómez (199, p. 1) afirma que:

A vinculação que deve se estabelecer entre comunicação, educação e novas tecnologias comporta uma dupla dimensão. Por uma parte, as novas tecnologias devem se articular como suporte de uma comunicação educativa mais diversificada, através do aproveitamento de variadas linguagens, formatações e canais de produção e circulação de novos conhecimentos. Por outra parte, as novas tecnologias devem constituir-se também em objetos de análise e estudo, através de processos de pesquisas dos seus efeitos, usos e representações culturais. Sobretudo através do planejamento de estratégias de educação dos usuários que tenham como objetivo formar interlocutores capacitados para uma recepção e produção comunicativa ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica.

Para o autor, há dois lados que devem ser observado sobre o uso das tecnologias e sua relação com a educação: trata-se de encarar essas tecnologias, por um lado, como suporte ou meios através dos quais a escola deve orientar os alunos na construção dos diversos saberes. As TICs se constituiriam, assim, como ferramentas de ensino; por outro lado, elas seriam objetos de ensino, pois seriam foco de reflexão acerca de seus usos e de seus efeitos na sociedade.

Nesse sentido, o autor faz uma ressalva acerca do uso e da apropriação dessas tecnologias na e pela escola:

A falta de uma estratégia para o uso educativo de novos meios e tecnologias provoca a perda de seu potencial para os fins que se procuram, pois o processo através do qual os educandos e os professores devem apropriar-se adequadamente dos novos meios e tecnologias, não é um processo automático nem autodidata. O transito de um determinado uso dos meios e tecnologias da diversão e entretenimento para um uso destinado a objetivos de aprendizado e análise também não é espontâneo. Requer capacitação específica e especializada. Há múltiplas evidências na pesquisa internacional, pelo menos com o uso do vídeo educativo, atinentes ao fato de que a situação de aprendizagem em contato com o vídeo é diferente da que se necessita para o contacto com o livro ou os materiais impressos. Isto não obstante a universalidade do código visual. (GÓMEZ, 1999, p. 1).

Para o autor, não se trata de um aprendizado autodidata, antes, requer formação específica, objetivando antes de tudo a potencialização das diversas situações de aprendizagem vivenciadas na escola. Também Alda (2012, p. 4) afirma que:

É evidente que os professores necessitam acompanhar as mudanças a fim de adaptar-se. Porém, tendo em vista que a maioria dos professores está

acostumada com o ensino tradicional, linear, baseado em textos, prováveis desafios podem vir a ser enfrentados por professores, entre os quais, destacam-se a necessidade de letramento digital, a resistência ao uso de novas tecnologias e à formação continuada. Por isso, é de suma importância para o professor buscar um aperfeiçoamento contínuo, a fim de adaptar-se às novas metodologias que surgem para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem. Devemos sempre acompanhar a evolução, a fim de buscar o conhecimento para compartilhá-lo.

Aqui a autora destaca a necessidade premente de formação continuada para os professores que se sentem não aptos a trabalhar com essas tecnologias do mundo moderno. Sobre esse tema, Martins (2013, p. 1) afirma que:

Precisamos encontrar novos caminhos para o ensino, buscando um *educar* comprometido com a formação do ser humano como cidadão. Infelizmente muitos professores ainda se consideram o centro, focando mais o ensinar do que o aprender, o “dar aula” do que gerenciar atividades de pesquisa e projetos.

Para a autora, a escola deve buscar novas formas de ensinar voltadas para a formação do aluno crítico e construtor do seu mundo. E chama a atenção para a resistência de alguns professores que insistem em trabalhar com métodos tradicionais e obsoletos que não atendem às novas exigências do mundo moderno. Segundo a autora, essa retomada de postura da escola e do professor diante do uso dessas novas tecnologias devem levar em conta que:

A tecnologia desde o primeiro momento de inserção na escola vem cumprindo vários papéis como atender questões burocráticas desvinculadas do projeto educacional. Há pouco tempo existe uma reflexão sobre o simples uso das TICs em sala de aula, buscando um algo mais, como a integração das tecnologias e a inserção desta no projeto pedagógico e a introdução de mudanças significativas na aprendizagem através das tecnologias. Usar as tecnologias apenas como ilustração ou de forma lúdica, para deixar as aulas mais interessantes, é muito pouco dentro de tudo o que pode ser explorado. Os professores precisam amadurecer no domínio técnico-pedagógico para que possam inovar o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, a autora chama a atenção para a importância do papel do professor ao utilizar esse aparato tecnológico nas aulas, advertindo que não se trata apenas de diversificar

ou dinamizar suas aulas, mas fazer um uso efetivo e crítico das tecnologias junto com os alunos.

Sobre esse tema Alda (2012, p. 1) afirma que:

Anteriormente, o professor era o único participante ativo da sala de aula; aquele que detinha o conhecimento e que transmitia para os alunos todo o seu estudo e sabedoria de forma linear, passando apenas do professor para os alunos, sem grandes reflexões ou visão crítica dos conteúdos. A educação tradicional era centrada no professor, fundamentalmente baseada em texto e excessivamente expositiva. Porém, a nova geração está acostumada a agir em vez de passivamente assistir. Com a evolução das tecnologias e da sociedade, além das oportunidades de aprendizagem, os alunos também mudaram.

Ela destaca a necessidade de uma nova educação, centrada no conhecimento e não mais na figura do professor. Uma educação que ensine como o aluno pode utilizar essas novas tecnologias para recriar o seu mundo e como desenvolver suas habilidades se utilizando dessas mesmas tecnologias que conheceu na sociedade e aprendeu a utilizar de modo reflexivo na escola. Já Lévy cita Prensky e Taylor:

Segundo Prensky (2001), os alunos de hoje não são mais as pessoas para as quais o nosso sistema educacional foi projetado para ensinar; alguns professores supõem que os alunos são os mesmos de sempre, e que os mesmos métodos que funcionaram para os professores quando estes eram alunos irão funcionar para os seus alunos hoje. Muitos professores mantêm o mesmo método de ensino durante toda a carreira, e sustentam-se em discursos antiquados e inadequados ao contexto dos alunos de hoje. De acordo com Taylor (2005), muitos educadores ainda aspiram tais modelos, sendo o professor o único detentor do conhecimento e único identificador do que é (ou não) importante, determinando os conteúdos, os procedimentos, a natureza de suas aulas, geralmente com pouca, ou nenhuma, contribuição exterior. (LÉVY, 2012, p. 3).

Assim é que uma nova educação se faz tão necessária quanto urgente na medida em que pretende formar cidadãos aptos a conviver socialmente e a transformar o mundo em que vive. Mundo cercado de todo um aparato tecnológico com o qual está ligado desde o seu nascimento.

Segundo Faria (2004, p.4):

As tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter “medo” de serem substituídos pela tecnologia, como também não precisam concorrer com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia. Eles têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades. O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno.

Também a autora destaca a importância de uma formação para o professor que, pressionado pela nova geração de alunos antenados com as tecnologias, sente-se ansioso ou temeroso frente ao novo desafio. Nesse sentido, Pimentel lança a pergunta de Morin: “Quem educará os educadores?” e debate sobre ela:

A pergunta que Morin faz remete-nos a uma resposta quase que imediata: precisamos adequar a nossa formação para que ela possa atender a este “Novo Mundo” no qual vivemos hoje onde, a cada dia, novas ferramentas tecnológicas estão à nossa porta. É preciso pensar que - muito mais do que a própria ideologia neoliberal que aponta a exigência da formação para que se possa ter títulos – necessitamos de uma formação e autoformação que possam avançar na ciência, no estudo do objeto e de suas relações.

Para o autor, assim como os demais citados anteriormente, a necessidade de uma formação para o professor é requisito básico para o uso dessas tecnologias na escola, pois eles precisam sentir-se seguros para utilizá-las com destreza e com a eficácia necessária à construção do conhecimento pelos alunos.

A educação contemporânea exige um novo professor, não limitado ao quadro negro, livro didático ou giz, mas um professor co-autor e mediador na construção de novos saberes. Desse modo, quando o assunto tecnologia, pais e educadores não devem temer. Antes, devem buscar os conhecimentos adequados para que possam junto com esses nativos digitais orientá-los a utilizar melhor essas ferramentas.

Os chamados nativos digitais, já cresceram num mundo cheio de tecnologias, de mídias e, por isso, têm tanta habilidade ao manusearem tais recursos. O que se deve chamar a atenção é pelo fato dos riscos que esse aparato pode trazer para esses jovens e adolescentes. Mesmo que nossa prática educativa envolva princípios morais e éticos, quando o assunto é tecnologia torna-se fundamental a total observação e acompanhamento dos pais e da escola,

pois aqueles perigos estão postos, restando a essas entidades a tarefa de conscientizar esses jovens quanto ao uso das novas tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da atual conjectura de uma sociedade em que a mídia e as tecnologias de um modo geral se apresentam de modo intensamente relevante em todos os aspectos de nossas vidas, este trabalho objetivou oportunizar uma reflexão crítica acerca do papel da escola enquanto espaço propício à educação e à inclusão digital. Para tanto, foi necessário refletir sobre os aspectos teóricos sobre Tecnologias de Informação e Comunicação dentro de um contexto histórico e social.

Dentro desse espaço de atuação – a sociedade - nossos jovens se configuram como sujeitos atuantes e transformadores do seu meio, e que se utilizando de toda a diversidade de recursos não restringem suas ações ao espaço de sua casa: eles têm relações diversas, próximas, distantes, de culturas variadas entre outras. Nesse sentido, a escola acolhe para si o compromisso de reformular seu espaço de aprendizado, de ensino e de pesquisa, uma vez que o banco e a mesinha já não atendem à demanda dessa nova sociedade, pautada na utilização das diversas mídias digitais, e assim, assumindo o seu papel de espaço de inclusão, no caso, digital.

Nesse sentido, o trabalho buscou traçar um perfil do nosso jovem – aluno, que engajado no processo de sua formação acadêmica precisa ao mesmo tempo (con)viver com uma realidade altamente tecnológica e nesse ponto, a função primeira da escola _ educar para a vida – se mostra fortemente atrelada ao desafio de fazer com que esses alunos desenvolvam habilidades específicas de uso das novas tecnologias digitais, para que assim, consiga se tornar um cidadão competente na sua função sócio-comunicativa.

A presente pesquisa mostrou que a forma que a escola acolhe o jovem e aponta-lhe possibilidades de aprendizado deve caminhar no sentido de fazer valer o desafio da inclusão digital, não somente quanto à utilização desses recursos tecnológicos, mas em especial, como ferramentas propícias à sua formação enquanto indivíduo de uma sociedade modernizada.

Dessa forma, em meios às discussões propostas, pode-se perceber a necessidade de um redimensionamento na prática de ensino do professor no que tange ao uso daqueles recursos tecnológicos para dar contornos mais dinâmicos e significativos à aprendizagem do aluno e uma nova roupagem ao papel da escola moderna de formar cidadão críticos e atuantes, construtores de conhecimento e transformadores do seu mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDA, L. S. **Novas tecnologias, novos alunos, novos professores?** refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. Inletras – Seminário Internacional de Letras. 2012.

ALMEIDA, João F. **Inovação e Atitude Cultural**. In: Presidência da República Portuguesa (Org.). Sociedade, Tecnologia e Inovação Empresarial. Lisboa: Casa da Moeda: 2000.

BRITO, A. **Os perigos da internet para crianças e adolescentes**. 2011. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/aurineybrito/2011/12/19/os-perigos-da-internetpara-criancas-e-adolescentes/>>. Acessado em: 28 de fevereiro de 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FARIA, E. T.; **O professor e as novas tecnologias**. Ser Professor. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 .

GÓMES, G. O. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. In: V Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Centro-Oeste. Goiania, Brasil. Universidade Federal de Goiás, maio, 1999.

LEITE, L. S.; POCHO, C. I.; Aguiar, M. de M.; SAMPAIO, M. N. **Tecnologia educacional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMOES, A. **Cibercidades**. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARTINS, L. G. da L.; **As TICs e sua relação com o processo de aprendizagem dos professores da rede municipal de ensino voltadas para as séries iniciais do ensino fundamental**. Revista Latino-Americana de História, Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial. Rio Grande do Sul, Brasil : PPGH-UNISINOS.

MORAN, J. M. **Novos desafios para o educador: a educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

PINHO, W. L. P.; SOARES, R. A. de C. M.; OLIVEIRA, M. L. M.; SILVA, M. C. V.;

OLIVEIRA, K. J. **Cibercidades, ciberespaço e as relações sociais de lazer**. In: Mídia, cultura e imaginário urbano. Paraíba: União, 2013.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On The Horizon** – Estados Unidos – NCB University Press, v.9, n.5, Oct., 2001.

REVISTA CARTA NA ESCOLA. **Atualidades na sala de aula**. Edição nº 72. Dezembro de 2012/janeiro de 2013. Editora confiança. (Vanessa Gabassa, Muros invisíveis).

SILVEIRA, A. L. **Novas tecnologias, novos alunos, novos professores?** Refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. 2012.

SOUSA, R. P. & SERAFIM, M. L. **Multimídia na educação:** o vídeo digital integrado ao contexto escolar. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

TERUYA, T. K.; FELIPE, D. A.; TAKARA, S. **Sujeitos da juventude, mídia e escola**. In: Mídia, cultura e imaginário urbano. Paraíba: União, 2013.